

HIV: homem de 66 anos é o quarto caso de cura

Paciente é submetido a transplante de células-tronco para tratar leucemia e fica livre também do vírus da Aids. Segundo médicos, trata-se da pessoa mais velha a se beneficiar do procedimento

» PALOMA OLIVETO

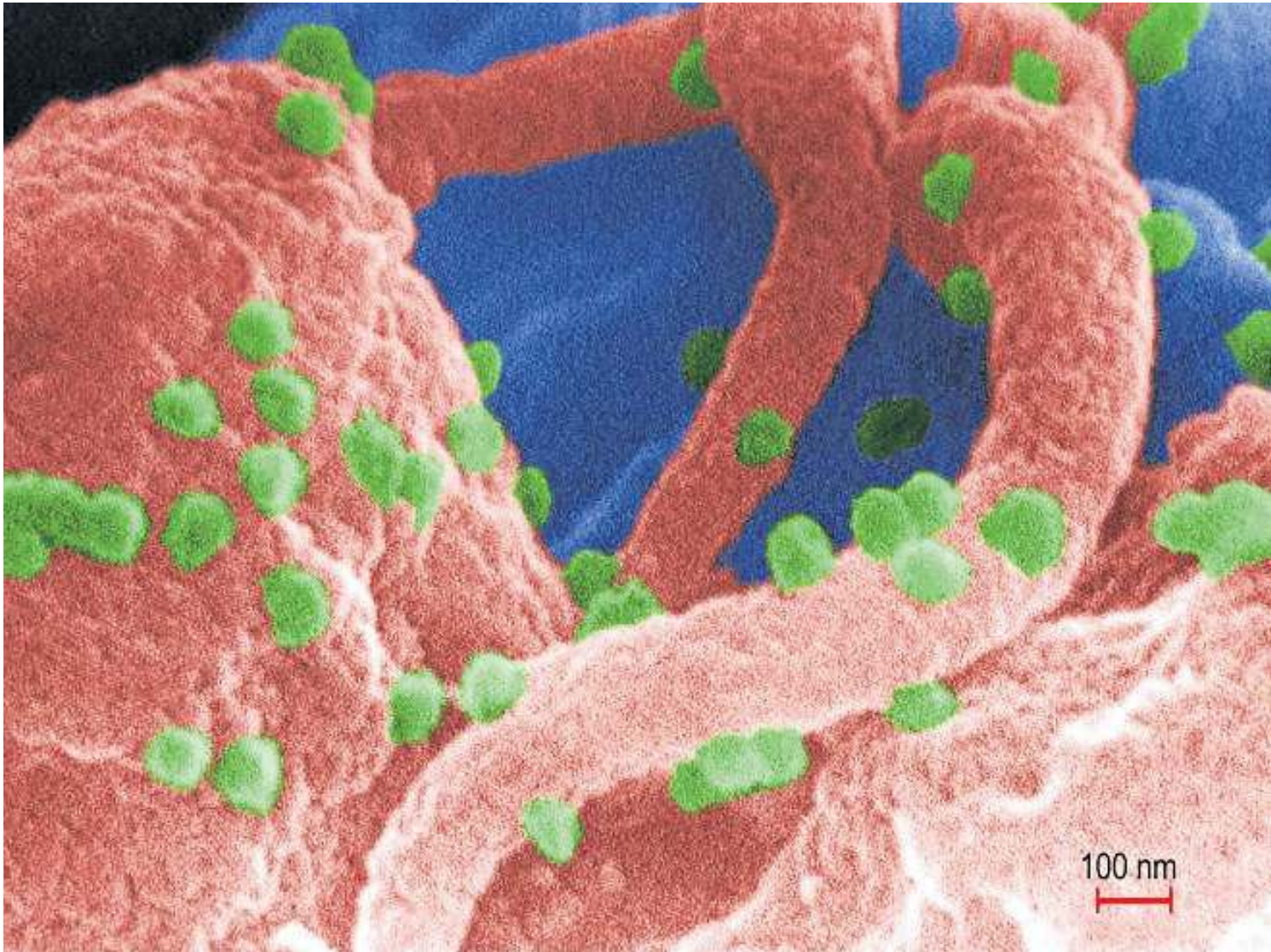
Mais uma pessoa está sem o vírus da Aids depois de se submeter a um transplante de células-tronco para tratamento de leucemia. O homem de 66 anos é o quarto paciente do mundo a se beneficiar do procedimento, e o mais velho deles. O caso foi anunciado por cientistas do Hospital City of Hope, dos Estados Unidos, na conferência Aids 2022, em Montreal, no Canadá. No evento, pesquisadores espanhóis também relataram que uma mulher está em remissão viral, com baixos níveis de HIV na corrente sanguínea, em decorrência de um tratamento medicamentoso experimental.

O paciente do City of Hope foi diagnosticado em 1988, está em remissão viral há mais de 17 meses e não faz mais uso da terapia antirretroviral. Há três anos, o homem passou por um transplante de células-tronco para tratar uma leucemia mieloide aguda. Segundo Jana K. Dickter, professora da Divisão de Doenças Infecciosas da instituição, que apresentou o resultado em uma coletiva de imprensa, trata-se da pessoa mais velha com HIV e câncer a se submeter ao procedimento e alcançar remissão nas duas condições.

O doador da medula óssea do paciente de 66 anos tem uma mutação genética rara, a CCR5 delta 32, que torna as pessoas resistentes à maioria das cepas do HIV. O CCR5 é um receptor presente nas células de defesa do organismo, e o vírus o utiliza para entrar e atacar o sistema imunológico. A rara variante, porém, bloqueia o caminho, impedindo a replicação do patógeno.

Segundo o hematologista do City of Hope Ahmed Aribi, o paciente recebeu três terapias diferentes para entrar em remissão antes de receber o transplante. “Ele tinha um alto risco de recaída de leucemia mieloide aguda,

Photo Credit: C. Goldsmith, P. Feorino, E. L. Palmer, W. R. McManus, CDC/Divulgação



HIV (verde) atacando linfócitos humanos: há 17 meses, homem não tem evidências de que o vírus replica em seu corpo

tornando sua remissão ainda mais notável”, disse Aribi, em nota. De acordo com ele, desde a recuperação do procedimento, o homem não mostrou nenhuma evidência de ter o vírus HIV replicante no organismo, seja em amostras de sangue ou de tecidos. Ele parou de tomar os medicamentos antirretrovirais em 2021 e, desde então, tem sido monitorado de perto.

Para Jana K. Dickte, a experiência abre novas possibilidades terapêuticas. “Como esse paciente viveu mais tempo com HIV

antes de seu transplante e recebeu a terapia menos imunossupressora (do que os três que o antecederam), agora temos evidências de que, se o doador de células-tronco certo for encontrado para pacientes que vivem com HIV que desenvolvem câncer no sangue, podemos usar opções de regime de quimioterapia mais recentes e menos intensivas para tentar alcançar uma remissão dupla”, disse. “Isso pode abrir novas oportunidades para pacientes mais velhos que vivem com HIV e câncer no sangue.”

Apesar de promissor, o tratamento

não é indicado para pessoas que não têm cânceres no sangue. Mas, teoricamente, seria possível utilizar as ferramentas de edição genética para induzir mutações semelhantes à que beneficiou os quatro pacientes até agora considerados curados do HIV. “É teoricamente possível injetar, no braço, uma enzima que entrará nas células e eliminará o CCR5 e o vírus. Mas isso é ficção científica por enquanto”, disse, à agência France-Presse de notícias (AFP), Sharon Lewin, presidente eleita da Sociedade Internacional de Aids.

Com medicamento

Na conferência de Montreal, pesquisadores do Hospital Universitário de Barcelona também apresentaram um caso de remissão após o uso de medicamentos. Porém, a paciente, uma mulher que convive com o micro-organismo há mais de 15 anos, ainda tem, no organismo, HIV capaz de fazer novas cópias viáveis dele mesmo. A carga viral, contudo, é indetectável no sangue, e ela não precisa mais tomar antirretrovirais. “Os outros casos de cura estão



Isso pode abrir novas oportunidades para pacientes mais velhos que vivem com HIV e câncer no sangue”

Jana K. Dickter, professora da Divisão de Doenças Infecciosas do Hospital City of Hope, nos EUA

associados ao transplante de medula óssea ou a pacientes excepcionais que apresentam vírus defeituosos ou fatores genéticos associados a uma potente resposta imune ao HIV”, destacou Josep M. Miró, principal autor do estudo, em nota. A paciente, porém, não tem qualquer fator genético associado ao controle do HIV. “Além disso, apresentava infecção grave em fase aguda”, disse o cientista.

Em 2006, ela entrou em um ensaio clínico de inibição viral com quatro terapias, utilizadas por 11 meses. Essas drogas prepararam o corpo da paciente para que o próprio sistema imunológico lutasse com maior eficiência contra o vírus, contou Núria Climent, bióloga que apresentou o resultado no congresso.

Há 15 anos, a mulher não toma antirretrovirais e está com a carga viral suprimida, disse Climent. “A grande novidade do estudo é que caracterizamos as células que conseguem o controle do vírus”, afirmou a pesquisadora. Os cientistas descobriram que dois tipos de linfócitos que fazem parte do sistema imune inato foram estimulados, particularmente, pelo tratamento experimental. Segundo Climent, o resultado “de cura funcional abre as portas para o desenvolvimento de novas estratégias potenciais de tratamento para aumentar a atividade das células envolvidas na resposta inata do paciente ao vírus”.

NUTRIÇÃO

Ultraprocessados aumentam risco de demência em até 28%

Quase 30% dos casos de demência vascular — o segundo tipo mais comum do declínio cognitivo — poderiam ser evitados retirando da despensa alimentos ultraprocessados, como salgadinhos, refrigerantes, batata frita congelada e embutidos. Um artigo publicado na revista *Neurology* com dados de 72 mil pessoas acima de 55 anos mostra, também, que uma dieta composta por ingredientes naturais ou minimamente processados tem potencial de prevenir 14% das ocorrências de Alzheimer.

O estudo, da Universidade Médica de Tianjin, na China, é mais um a indicar a relação entre alimentação e saúde cerebral, tema que desperta o interesse da ciência à medida que se espera uma explosão na prevalência dos diversos tipos de demência. Hoje, 55 milhões de pessoas vivem com a condição, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), que projeta 78 milhões de casos em 2030 e 139 milhões daqui a 28 anos.

Ultraprocessados são produtos industrializados que utilizam partes de vários alimentos — como o amido retirado de um

e o açúcar, de outro —, além de substâncias químicas artificiais para dar cor, sabor e estender a validade do item. “São aqueles que você não consegue dizer do que são feitos, como salsichas”, resume a médica nutróloga Marcella Garcez, diretora da Associação Brasileira de Nutrologia e membro da Sociedade Brasileira para o Estudo do Envelhecimento. Entram também na categoria refrigerantes, molhos e empanados comprados prontos.

“Os alimentos ultraprocessados reduzem a qualidade da dieta”, disse, em nota, o principal autor do estudo, Huiping Li. “Esses alimentos também podem conter aditivos alimentares ou moléculas produzidas durante a embalagem e o aquecimento, todos os quais demonstraram, em outros estudos, ter efeitos negativos nas habilidades de pensamento e memória. Nossa pesquisa não apenas descobriu que os alimentos ultraprocessados estão associados a um risco aumentado de demência, mas descobriu que substituí-los por opções saudáveis pode diminuir esse risco”, diz.

A pesquisa chinesa baseia-se

Janine Moraes/CB



em um banco de dados do Reino Unido, que contém informações de saúde de moradores da região. Os participantes tinham 55 anos ou mais e não apresentavam demência no início do estudo. Eles foram acompanhados por uma média de 10 anos. Ao final, 518 foram diagnosticadas com algum tipo de degeneração da cognição e/ou memória.

Durante o estudo, os participantes preencheram pelo menos dois questionários

sobre o que comeram e beberam no dia anterior. Eles foram divididos em quatro grupos, do menor percentual de consumo de ultraprocessados ao maior. Dos 18.021 com ingestão mais baixa desses produtos (média de 9% por dia), 105 desenvolveram demência, em comparação com 150 dos 18.021 com maior composição dos itens altamente modificados na alimentação (média de 28% por dia).

A salsicha e a batata frita congelada são alguns desses alimentos que deflagram processos inflamatórios no corpo humano

Prevenção

Depois de fazer ajustes de idade, sexo, histórico familiar e outros fatores de risco, os cientistas descobriram que cada aumento de 10% na ingestão diária de ultraprocessados estava associada a um risco 25% maior de demência. Ao estimar o que aconteceria se a pessoa substituisse esse mesmo percentual de produtos do tipo por alimentos não processados ou minimamente processados (frutas, vegetais, leite fresco e carne), a probabilidade de ter algum tipo de demência caía 19%.

O risco de ter demência em geral foi 25% maior entre os consumidores mais adeptos de ultraprocessados; 28% mais elevado em relação à demência vascular e 14% quanto ao Alzheimer. Embora o estudo não aponte, diretamente, que os alimentos altamente

descaracterizados causem declínio cognitivo, a médica nutróloga Marcella Garcez explica que vários mecanismos fisiológicos podem contribuir para essa associação.

“Além do processo natural de envelhecimento, o cérebro é impactado negativamente pela falta de ômega 3, por radicais livres, que são combatidos por alimentos antioxidantes, e por deficiências vasculares, que têm uma relação muito forte com doenças metabólicas como diabetes, e por lipidemias (gorduras no sangue)”, aponta a diretora da Associação Brasileira de Nutrologia. Ela também lembra que ingredientes como corantes, sal e gorduras modificadas deflagram processos inflamatórios nas células, incluindo as do cérebro.

Embora os alimentos saudáveis não possam reverter um processo de demência já instalado, Marcella Garcez destaca que, além da prevenção, especialmente em pessoas com histórico familiar, a retirada dos ultraprocessados do cardápio tem o potencial de ajudar pessoas que apresentam o problema. “A alimentação pode evitar a progressão da demência”, diz. (Paloma Oliveto)